

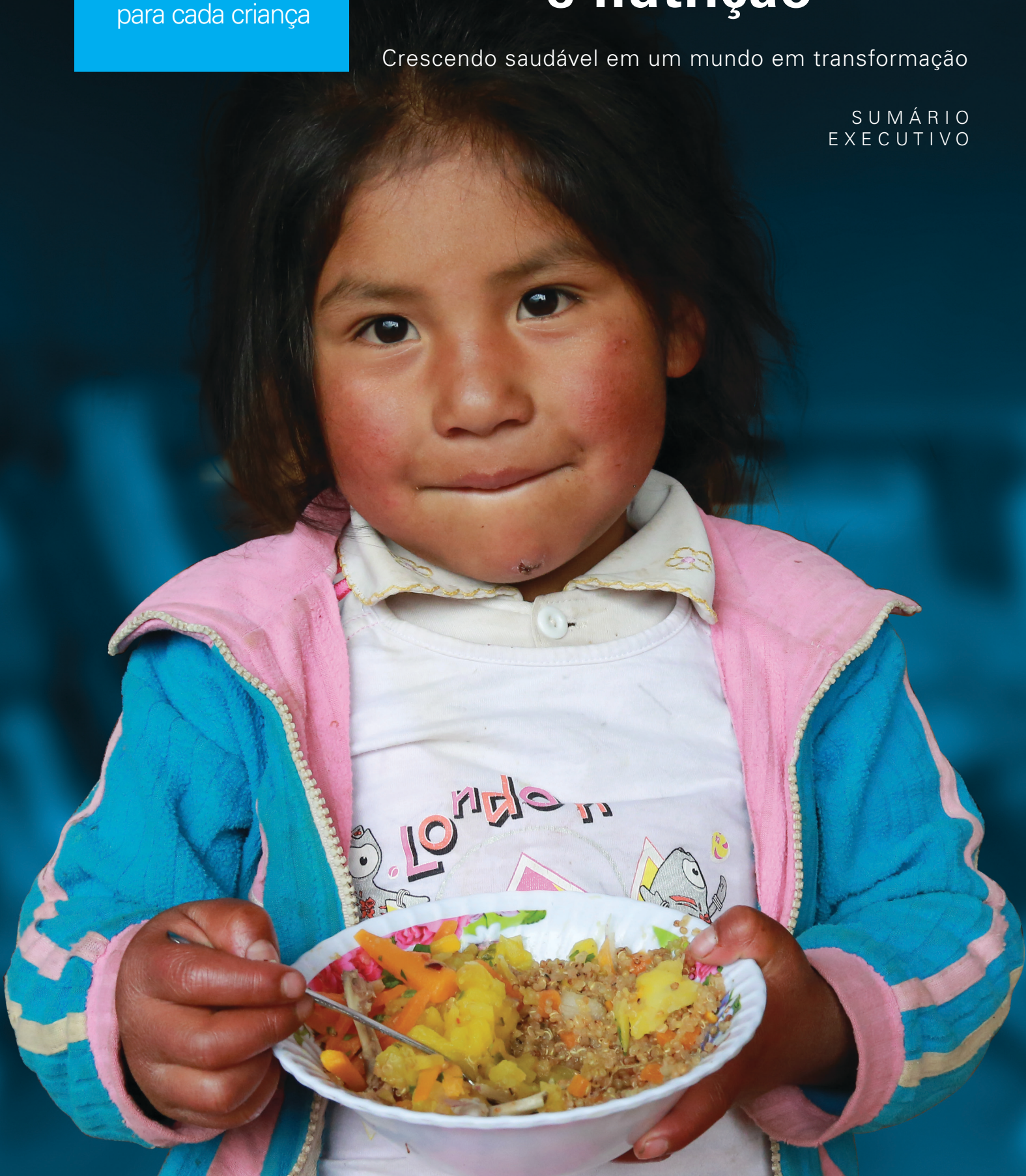
SITUAÇÃO MUNDIAL DA INFÂNCIA 2019

unicef 
para cada criança

Crianças, alimentação e nutrição

Crescendo saudável em um mundo em transformação

SUMÁRIO
EXECUTIVO



Para baixar o relatório completo, acesse www.unicef.org/sowc2019

O UNICEF reconhece o apoio do Reino dos Países Baixos e do Governo da Noruega para este relatório.

Publicado pelo UNICEF Office of Global Insight and Policy
3 United Nations Plaza, New York, NY 10017, USA
pubdoc@unicef.org

© Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF)
Outubro 2019

Foto de capa: Uma menina almoça na comunidade Hanaq Chuquibamba, no Peru.
© UNICEF/Vilca/2019

ISBN: 978-92-806-4999-4

SITUAÇÃO MUNDIAL DA INFÂNCIA 2019

Crianças, alimentação e nutrição

CRESCENDO SAUDÁVEL EM UM MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO

No momento em que uma em cada três crianças menores de 5 anos não está recebendo a nutrição necessária para crescer bem, o estudo *Situação Mundial da Infância 2019* examina a má nutrição infantil hoje. As comunidades enfrentam cada vez mais uma tripla carga de má nutrição: apesar do declínio da desnutrição, 149 milhões de crianças com menos de 5 anos ainda sofrem de déficit de crescimento e quase 50 milhões têm baixo peso; 340 milhões de crianças sofrem com a fome oculta – deficiências de vitaminas e minerais –; e as taxas de sobrepeso e obesidade estão subindo rapidamente.

No século 21, a má nutrição infantil deve ser entendida em um cenário de rápidas mudanças, incluindo o crescimento das populações urbanas e a globalização dos sistemas alimentares – que está levando ao aumento da disponibilidade de alimentos ricos em calorias, mas baixos em nutrientes.

A má nutrição prejudica profundamente o crescimento e o desenvolvimento das crianças. A menos que isso seja tratado, as crianças e as sociedades terão dificuldade em atingir seu pleno potencial. Esse desafio só pode ser enfrentado abordando a desnutrição em todas as fases da vida da criança e colocando as necessidades nutricionais dela no coração dos sistemas alimentares e das políticas públicas de saúde, água e saneamento, educação e proteção social.

Prefácio



© UNICEF/UN0154449/Nesbitt

Na colherada de comida que uma mãe ou um pai dá a um bebê, a comida é amor. No banquete que uma família prepara para a maioria de uma criança, a comida é comunhão. Nos gritos e gargalhadas de adolescentes compartilhando lanches depois da escola, a comida é alegria. E para todas as crianças e todos os adolescentes de todos os lugares, a comida é vida – um direito fundamental e a base da nutrição saudável e de um desenvolvimento físico e mental sólido.

Infelizmente, como mostra este relatório da *Situação Mundial da Infância*, muitas de nossas crianças e nossos adolescentes não estão recebendo a alimentação de que precisam, o que está minando sua capacidade de crescer, desenvolver-se e aprender em todo o seu potencial. Isso machuca não apenas crianças e adolescentes, mas também a todos nós.

Essa situação nos obriga a fazer algumas perguntas difíceis: Como é que, no século 21, ainda temos 149 milhões de crianças menores de 5 anos com atraso no crescimento e quase 50 milhões com baixo peso? Como é possível que o sobrepeso e a obesidade em crianças e adolescentes continuem aumentando, e cada vez mais entre os pobres? E por que dietas saudáveis estão ficando mais caras,

enquanto dietas não saudáveis e não nutritivas estão ficando mais baratas?

A nutrição está no centro do trabalho do UNICEF. Em 2018, ajudamos a fornecer alimento terapêutico pronto para uso, que salva vidas, para 4,1 milhões de crianças com desnutrição aguda grave; melhoramos a qualidade das dietas para mais de 15,6 milhões de crianças por meio da fortificação de alimentos via domicílio; apoiamos programas para prevenir anemia e outras formas de desnutrição em 58 milhões de adolescentes; e garantimos que mais de 300 milhões de crianças recebessem serviços para a prevenção de desnutrição.

A nutrição também tem sido fundamental para nossa liderança de ideias. Em 1990, nossa estrutura pioneira de enfrentamento à desnutrição abriu novos caminhos ao estabelecer as múltiplas causas da má nutrição. Em 2019, repensamos nossa estrutura para enfatizar o que garante uma boa nutrição: a alimentação adequada de crianças e mulheres e os cuidados ofertados a elas, os ambientes alimentares em que vivem e as maneiras pelas quais nossas sociedades sustentam o direito à nutrição adequada, por meio de nossos valores e compromisso político. Cada um desses determinantes apresenta uma oportunidade para melhorar a nutrição de crianças, adolescentes e mulheres.

Como diretora executiva do UNICEF e presidente do grupo líder do movimento global “Expandindo a Nutrição” (Scale-up Nutrition/SUN), quero enfatizar novamente meu compromisso e o compromisso do UNICEF de usar todas essas oportunidades para trabalhar por uma nutrição melhor para todas as crianças, especialmente no primeiros 1.000 dias cruciais – da concepção aos dois anos de idade – e durante a adolescência, as duas janelas de oportunidade sem paralelo. Ressaltamos esse compromisso ao lançar este relatório juntamente com a nova estratégia de nutrição do UNICEF, que define nossas prioridades e planos para melhorar a nutrição de crianças, adolescentes e mulheres nos próximos anos.

Já sabemos muito do que funciona para evitar a má nutrição em todas as suas formas, desde a concepção até a primeira infância e a adolescência. Mas essa é uma batalha que não podemos vencer sozinhos. Ela precisa da determinação política dos governos nacionais, respaldada por compromissos financeiros claros, além de políticas e incentivos que incentivem o investimento do setor privado em alimentos nutritivos, seguros e acessíveis para crianças, adolescentes, mulheres e famílias. E, cada vez mais, é necessário determinar que a nutrição infantil seja uma prioridade não apenas no sistema alimentar, mas também nas políticas de saúde, água e saneamento, educação

e proteção social. O sucesso em cada uma delas apoia o sucesso de todas.

Adolescentes e mulheres conhecem o valor de uma boa nutrição e de uma boa alimentação. “Ter uma alimentação saudável é ser responsável por sua saúde”, disse uma menina de 16 anos na China durante uma das mais de 70 oficinas organizadas para este relatório. Na Índia, uma menina de 13 anos nos disse que “a comida é importante para nós, para que possamos estudar bem”. Elas também têm clareza sobre as barreiras à nutrição saudável: “Eu não tenho dinheiro suficiente para comprar comida para mim e meu bebê”, disse uma mãe de 20 anos na Guatemala; “Eu não tenho conhecimento sobre que tipos de alimentos são saudáveis”, disse uma menina de 18 anos no Zimbábue.

Uma boa nutrição abre caminho para justas oportunidades na vida. Vamos trabalhar juntos para reduzir essas barreiras e garantir que crianças, adolescentes e mulheres tenham as dietas nutritivas, seguras, acessíveis e sustentáveis de que precisam em todos os momentos da vida para atingir seu pleno potencial.



Henrietta H. Fore
Diretora Executiva do UNICEF



Uma criança vende lanches para outras crianças do lado de fora de uma clínica na cidade de Gaza, Estado da Palestina. © UNICEF/UN068011/EI Baba

Crianças, alimentação e nutrição | Crescendo saudável em um mundo em transformação

Mensagens-chave

Pelo menos 1 em cada 3 crianças menores de 5 anos está desnutrida ou com sobrepeso e 1 em cada 2 sofre de fome oculta. Esse cenário prejudica a capacidade de milhões de crianças de crescer e desenvolver todo o seu potencial.

- ▶ No mundo, pelo menos 1 em cada 3 crianças menores de 5 anos não está crescendo bem devido à má nutrição em suas formas mais visíveis: desnutrição crônica, desnutrição aguda e excesso de peso.
- ▶ No mundo, pelo menos 1 em cada 2 crianças menores de 5 anos sofre de fome oculta devido à deficiências de vitaminas e outros nutrientes essenciais.
- ▶ A subnutrição continua a ter um alto custo. Em 2018, quase 200 milhões de crianças menores de 5 anos sofreram desnutrição crônica ou desnutrição aguda, enquanto pelo menos 340 milhões sofriam de fome oculta.
- ▶ O sobrepeso e a obesidade continuam a subir. De 2000 a 2016, a proporção de crianças com excesso de peso (5 a 19 anos) aumentou de 1 em 10 para quase 1 em 5.
- ▶ O número de crianças com desnutrição crônica diminuiu em todos os continentes, exceto na África, enquanto o número de crianças com excesso de peso aumentou em todos os continentes, inclusive na África.

A tripla carga da má nutrição – subnutrição, fome oculta e sobrepeso – ameaça a sobrevivência, o crescimento e o desenvolvimento de crianças, adolescentes, economias e nações.

- ▶ A desnutrição crônica (baixa estatura para a idade) – um sinal claro de que as crianças de um país não estão se desenvolvendo bem – é um sintoma de privação passada e um sinal de pobreza futura.
- ▶ A desnutrição aguda (baixo peso para a altura) pode ser letal para as crianças, principalmente nas formas mais graves. Ao contrário do que se pensa, a maioria das crianças com baixo peso em todo o mundo vive na Ásia e não em situações de emergência.
- ▶ A fome oculta prejudica crianças e mulheres. A deficiência de ferro reduz a capacidade das crianças de aprender e a anemia por deficiência de ferro aumenta o risco de morte das mulheres durante ou logo após o parto.
- ▶ O sobrepeso infantil pode levar ao aparecimento precoce de diabetes tipo 2, estigmatização e depressão, e é um forte indicador da obesidade adulta, com sérias consequências econômicas e de saúde.
- ▶ A maior carga de todas as formas de má nutrição recai em crianças e adolescentes das comunidades mais pobres e marginalizadas, perpetuando a pobreza através das gerações.

A tripla carga da má nutrição é causada pela má qualidade da alimentação infantil: 2 em cada 3 crianças não recebem a diversidade alimentar mínima recomendada para um crescimento e um desenvolvimento saudáveis.

- Apenas 2 em cada 5 crianças com menos de seis meses de idade são amamentadas exclusivamente, conforme recomendado. A amamentação pode salvar a vida de 820 mil crianças anualmente em todo o mundo.
- O uso de substitutos do leite materno é preocupante. As vendas de fórmulas à base de leite cresceram 41% no mundo e 72% nos países de renda média-alta, como Brasil, China e Turquia, entre 2008 e 2013.
- A má alimentação conduz à desnutrição na primeira infância: 44% das crianças de 6 a 23 meses não são alimentadas com frutas ou legumes e 59% não são alimentadas com ovos, laticínios, peixe ou carne.
- Apenas 1 em cada 5 crianças de 6 a 23 meses de famílias em áreas rurais mais pobres recebe a diversidade alimentar mínima recomendada para um crescimento saudável e o desenvolvimento do cérebro.
- Muitos adolescentes que frequentam a escola consomem alimentos altamente processados: 42% bebem refrigerantes pelo menos uma vez por dia e 46% comem *fast-food* pelo menos uma vez por semana.

A globalização, a urbanização, as desigualdades, as crises humanitárias e os choques climáticos estão provocando mudanças negativas sem precedentes na situação nutricional de crianças em todo o mundo.

- A globalização está moldando as opções e escolhas de alimentos: 77% das vendas de alimentos processados em todo o mundo são controladas por apenas 100 grandes empresas.
- Nas cidades, muitas crianças pobres vivem em 'desertos alimentares', enfrentando a ausência de opções de alimentos saudáveis ou em 'pântanos alimentares', confrontados com uma abundância de alimentos processados de alta caloria e baixo teor de nutrientes.

- As famílias pobres tendem a selecionar alimentos de baixa qualidade que custam menos. Por causa da pobreza e da exclusão, as crianças mais desfavorecidas enfrentam o maior risco de todas as formas de desnutrição.
- Choques climáticos, perda de biodiversidade e danos à água, ao ar e ao solo estão piorando as perspectivas nutricionais de milhões de crianças e adolescentes, especialmente entre os pobres.
- O UNICEF e seus parceiros trataram mais de 3,4 milhões de crianças com desnutrição grave em contextos humanitários em 2018, do Afeganistão e do Iêmen à Nigéria e ao Sudão do Sul.

Melhorar a nutrição de crianças requer que os sistemas alimentares forneçam dietas nutritivas, seguras, acessíveis e sustentáveis para todas as crianças.

- Milhões de crianças estão comendo muito pouco do que precisam e milhões estão comendo muito do que não precisam: dietas de baixa qualidade nutricional agora são o principal fator de risco para a carga global de doenças.
- Os sistemas alimentares nacionais devem colocar a nutrição das crianças no centro de seu trabalho, porque suas necessidades nutricionais são únicas e atendê-las é fundamental para o desenvolvimento sustentável.
- Incentivos financeiros devem ser usados para recompensar os atores que aumentam a disponibilidade de alimentos saudáveis e acessíveis nos mercados e outros pontos de venda, especialmente nas comunidades de baixa renda.
- Reduzir os incentivos financeiros a alimentos não saudáveis pode melhorar a dieta das crianças. Por exemplo, os impostos sobre alimentos e bebidas açucarados podem reduzir seu consumo por crianças e adolescentes.
- A fortificação de alimentos complementares e alimentos básicos com micronutrientes pode ser uma intervenção econômica para combater a fome oculta em crianças, adolescentes e mulheres.

Os ambientes alimentares são cruciais. Quando há opções saudáveis, acessíveis, convenientes e desejáveis, as crianças e as famílias fazem escolhas alimentares melhores.

- ▶ Crianças, adolescentes, jovens, pais e famílias precisam de apoio para exigir alimentos nutritivos, mas os ambientes alimentares precisam promover e apoiar dietas saudáveis.
- ▶ Estratégias de comunicação inovadoras, divertidas, memoráveis e envolventes para promover uma alimentação saudável podem alavancar as aspirações culturais e sociais de crianças, adolescentes e famílias.
- ▶ A legislação desempenha um papel fundamental na promoção de boas dietas para crianças, como a regulamentação da comercialização de substitutos do leite materno para mães e famílias e de alimentos não saudáveis para as crianças.
- ▶ A comercialização de alimentos não saudáveis e bebidas açucaradas está diretamente ligada ao aumento do sobrepeso e da obesidade em crianças.
- ▶ A rotulagem frontal da embalagem – visível, precisa e fácil de entender – ajuda crianças, adolescentes e famílias a fazerem escolhas alimentares mais saudáveis e incentiva os fornecedores a ofertar alimentos saudáveis.
- ▶ Os governos precisam promover ambientes alimentares saudáveis nas escolas, incluindo refeições saudáveis e limitação de venda e publicidade de ‘junk food’ nas proximidades de escolas e parques.
- ▶ Os sistemas de saúde, água e saneamento, educação e proteção social também têm um papel crucial a desempenhar na promoção e no apoio à boa nutrição de crianças, adolescentes e mulheres.

Melhorar a nutrição das crianças exige que os sistemas alimentares ofereçam dietas nutritivas, seguras, acessíveis e sustentáveis para todas as crianças.

- ▶ Investir na alimentação das crianças é fundamental para a formação de capital humano, porque a nutrição é essencial ao crescimento,

ao desenvolvimento cognitivo, ao desempenho escolar e à produtividade futura das crianças.

- ▶ Uma força de trabalho grande e jovem – com um grande potencial de criatividade e produtividade – está surgindo na África e na Ásia. No entanto, a desnutrição pode limitar esse dividendo demográfico.
- ▶ Os retornos do investimento em nutrição são altos. Por exemplo: todo dólar investido na redução do déficit de crescimento gera um retorno econômico equivalente a cerca de US\$ 18 nos países mais afetados.

Uma palavra deve estar no centro de nossa resposta à desnutrição infantil: ação. Precisamos de uma ação que reflita o papel central dos sistemas alimentares, que fortaleça a oferta e a demanda por melhores alimentos, que melhore o ambiente alimentar das crianças e aproveite o papel dos principais sistemas de apoio.

Com a ação vem outro imperativo: responsabilidade. O progresso deve ser medido, compartilhado, realizado e celebrado. A boa nutrição é fundamental para o bem-estar das crianças e para o alcance dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Ela precisa ser colocada no centro da política governamental e apoiada pelas principais partes interessadas, incluindo a sociedade civil e o setor privado.

O relatório *Situação Mundial da Infância 2019* termina com a seguinte **Agenda para Colocar os Direitos Nutricionais das Crianças em Primeiro Lugar:**

- 1 Capacitar famílias, crianças e adolescentes a exigir alimentos adequados e saudáveis.
- 2 Incentivar os fornecedores de alimentos a fazer o que é certo para as crianças.
- 3 Construir ambientes alimentares saudáveis para todas as crianças
- 4 Mobilizar sistemas de apoio – saúde, água e saneamento, educação e proteção social – para melhorar a alimentação e a nutrição de todas as crianças.
- 5 Coletar, analisar e usar dados e evidências de boa qualidade regularmente para orientar as ações e acompanhar o progresso. ■



Energy	Sugars	Fat		
507 kJ	31.0 g	0.0 g	0.0 g	2.0 g
18%	34%	0%	0%	6%

1% of your Guidelines Daily Intake (GDI)
Based on a 6000 kJ diet

000 257 156



Como a tripla carga de má nutrição prejudica crianças, adolescentes e mulheres

● **Subnutrição, desnutrição crônica e desnutrição aguda**

- Baixo crescimento, infecção e morte
- Baixo desenvolvimento cognitivo, falta de atenção escolar e desempenho escolar fraco
- Baixo potencial de ganho financeiro na vida adulta

● **Fome oculta – deficiências em micronutrientes**

- Baixo crescimento e desenvolvimento
- Imunidade fraca e fraco desenvolvimento de tecidos
- Saúde precária e risco de morte

● **Sobrepeso (incluindo obesidade)**

- A curto prazo: problemas cardiovasculares, infecções e baixa autoestima
- A longo prazo: obesidade, diabetes e outros distúrbios metabólicos



CRIANÇAS E ADOLESCENTES



MULHERES GRÁVIDAS

● **Subnutrição, déficit de crescimento e baixo peso**

- Complicações perinatais
- Parto prematuro e baixo peso ao nascer
- Doenças crônicas para a criança, ao longo da vida

● **Fome oculta – deficiências em micronutrientes**

- Mortalidade e morbidade materna
- Defeitos no tubo neural em recém-nascidos
- Parto prematuro, baixo peso ao nascer e comprometimento do desenvolvimento cognitivo em recém-nascidos

● **Sobrepeso (incluindo obesidade)**

- Diabetes gestacional e pré-eclâmpsia
- Complicações obstétricas
- Excesso de peso e doença crônica nas crianças ao longo da vida



149 milhões de crianças de menos de 5 anos com déficit de crescimento

+



Quase 50 milhões de crianças de menos de 5 anos com baixo peso

+



40 milhões de crianças de menos de 5 anos com sobrepeso

=



Mais de 1 a cada 3 crianças não crescendo saudáveis



Mais de 340 milhões de crianças sofrendo de deficiência de micronutrientes essenciais (vitaminas e minerais)

=



Pelo menos 1 em cada 2 crianças com fome oculta

Introdução:

Crianças, alimentação e nutrição

Faz vinte anos que o relatório *Situação Mundial da Infância* analisou a nutrição das crianças pela última vez. Nesse período, muita coisa mudou.

Mudou onde moramos: mais famílias deixaram o campo e se mudaram para as cidades, uma mudança global que só crescerá nos próximos anos.

Mudaram nossos papéis. Nas sociedades ao redor do mundo, as mulheres estão cada vez mais ingressando na força de trabalho formal, equilibrando as responsabilidades profissionais com seu papel de cuidadoras principais, frequentemente com pouco apoio das famílias, dos empregadores e da sociedade.

As condições de vida no nosso planeta mudaram. As crises relacionadas às mudanças climáticas, a perda de biodiversidade e os danos causados à água, ao ar e ao solo agora suscitam preocupações sobre se podemos alimentar essa geração de crianças de maneira sustentável, sem falar nas gerações futuras.

Finalmente, mudou o que comemos. Estamos deixando para trás dietas tradicionais e adotando dietas modernas, que frequentemente são ricas em açúcares e gorduras, pobres em nutrientes essenciais e fibras, e geralmente altamente processadas.

Este é o pano de fundo para a desnutrição entre crianças hoje. Como tantas outras coisas, isso também está mudando. O conceito de **má nutrição**, que antes estava inseparavelmente ligado às imagens da fome, hoje deve englobar também crianças com déficit de crescimento (baixa estatura para a idade) e baixo peso (baixo peso para a altura), aquelas que sofrem de “fome oculta” – deficiência de vitaminas e minerais essenciais –, e também o crescente número de crianças e adolescentes afetados por sobrepeso ou obesidade.

Essas são crianças que não estão crescendo saudáveis.

Seus números são preocupantemente altos. Globalmente, uma em cada três crianças com menos de 5 anos tem desnutrição crônica, desnutrição aguda ou excesso de peso e, em alguns casos, sofre de uma combinação de duas dessas formas de má nutrição. Além disso, pelo menos uma a cada duas crianças sofre de fome oculta devido a deficiências – frequentemente não visíveis – de vitaminas e nutrientes essenciais, o que pode prejudicar a sobrevivência, o crescimento e o desenvolvimento em todos os estágios da vida.

Dietas de baixa qualidade nutricional em toda a população são agora a principal causa de morte no mundo



Má nutrição, uma tripla carga

As crianças que não estão crescendo saudáveis são vítimas das três vertentes da tripla carga da má nutrição que estão surgindo rapidamente em comunidades ao redor do mundo, inclusive em alguns dos países mais pobres do mundo.

A primeira vertente é a **desnutrição**. Apesar de alguns declínios, a **desnutrição** continua afetando dezenas de milhões de crianças. Sua presença é visível no déficit de crescimento das crianças privadas de nutrição adequada nos primeiros 1.000 dias cruciais – desde a concepção até o seu segundo aniversário – e geralmente além disso. Essas crianças podem carregar o fardo do déficit de crescimento pelo resto de suas vidas e nunca alcançar seu pleno potencial físico e intelectual. A desnutrição também é evidente quando a escassez de alimentos e as práticas inadequadas de alimentação – muitas vezes agravadas pela pobreza, por crises e conflitos humanitários – privam as crianças de uma nutrição adequada e, em muitos casos, resultam em morte. Em 2018, 149 milhões de crianças com menos de 5 anos tinham déficit de crescimento e pouco menos de 50 milhões tinham baixo peso.

O segundo é a **fome oculta**. As deficiências de vitaminas e minerais essenciais roubam a vitalidade das crianças em todas as fases da vida e comprometem a saúde e o bem-estar das mulheres, mães e filhos. Esse custo pesado é ainda mais insidioso pelo fato de que a fome oculta raramente é percebida até que seja tarde demais para se fazer algo a respeito. O número de crianças e mulheres afetadas por várias formas de fome oculta é impressionante. Com base nos dados mais recentes disponíveis, o UNICEF estima que pelo menos 340 milhões de crianças menores de 5 anos sofrem de deficiências de micronutrientes.

O terceiro é o **sobrepeso** e, na sua forma mais grave, a obesidade. O número de meninas e meninos obesos entre 5 e 19 anos disparou desde meados da década de 1970, aumentando entre 10 e 12 vezes no mundo. O excesso de peso, considerado há muito tempo como uma condição dos ricos, agora é cada vez mais uma doença dos pobres, refletindo a maior disponibilidade de “calorias baratas” de alimentos gordurosos e açucarados em quase todos os países do mundo. Traz consigo um risco aumentado de doenças não transmissíveis, como diabetes tipo 2 e doença cardíaca coronária. A análise realizada como parte do estudo *Global Burden of Disease* sugere que dietas de baixa qualidade nutricional são agora a principal causa de morte no mundo.

Por trás de todos esses números estão as vidas reais das crianças e das mulheres. São crianças pequenas como Moteab que, como centenas de milhares de outras crianças no Iêmen, teve que lutar por sua vida devido a um grave baixo peso. Moteab sobreviveu, mas muitas outras crianças que passam por situações de conflitos e crises humanitárias em todo o mundo não sobreviveram. São bebês como Joemar, nas Filipinas, que, mesmo vivendo longe das zonas de guerra, sofre com um grave baixo peso. São filhos de mães como Uruma, na Tanzânia, que frequenta a escola com o estômago vazio porque seus pais não têm dinheiro para comprar comida. São adolescentes como Zahfa, na Indonésia, que têm pouco tempo para se exercitar e estão cercados por opções alimentares pouco saudáveis. E são mães como Xaiathon, na zona rural do Laos, que precisa coordenar a amamentação de seu filho e a alimentação de sua família com as exigências de trabalhar em uma fazenda.

A tripla carga da má nutrição inclui a subnutrição, a fome oculta e o sobrepeso

Mais crianças e adolescentes estão sobrevivendo, mas poucos estão prosperando.

Sobrevivendo, mas não prosperando

O estado da má nutrição infantil no século 21 pode ser resumido assim: mais crianças e adolescentes estão sobrevivendo, mas poucos são os que prosperam. Eles não prosperam nos primeiros 1.000 dias cruciais da vida, quando são lançadas as bases para o crescimento físico e o desenvolvimento mental saudável. E eles não estão prosperando em outros estágios de desenvolvimento cruciais da vida na infância e na adolescência.

A má nutrição tem muitas causas. A saúde e o estado nutricional da mãe, por exemplo, afetam profundamente o desenvolvimento do filho, assim como a alimentação do filho nas primeiras horas e dias de vida. Para muitas crianças, as causas da má nutrição também incluem o acesso precário a serviços de saúde e água potável e saneamento adequado, o que pode levar a doenças que impedem a criança de absorver nutrientes.

Para entender a má nutrição, há uma necessidade crescente de se concentrar em alimentos e dieta, em todas as fases da vida da criança e do adolescente. A imagem que surge é preocupante: **há muitas crianças e muitos adolescentes consumindo muita comida não saudável e pouca comida saudável.**

Esses problemas começam cedo. Nos primeiros seis meses, apenas duas em cada cinco crianças estão sendo exclusivamente amamentadas, privando-as do melhor alimento que um bebê pode receber. Quando se trata dos ‘primeiros alimentos’ (ou alimentos complementares) que os bebês geralmente começam a consumir por volta dos 6 meses de idade, eles também, em muitos casos, não atendem

às necessidades das crianças. Menos de uma em cada três crianças entre 6 e 23 meses está consumindo o tipo de dieta diversificada necessária para seu corpo e cérebro em rápido crescimento. Para as crianças mais pobres, a proporção cai para apenas um em cada cinco. Entre as crianças mais velhas, o baixo consumo de frutas e legumes é generalizado. Isso também é verdade para muitos adolescentes, muitos dos quais também perdem ou pulam regularmente o café da manhã e consomem refrigerantes e ‘fast food’.

Atualmente, as dietas das crianças refletem cada vez mais a “transição nutricional” global, em que as comunidades deixam para trás dietas tradicionais, mais saudáveis, em favor das dietas modernas. Para muitas famílias – especialmente famílias mais pobres – isso significa uma dependência crescente de alimentos altamente processados, que podem ser ricos em gorduras saturadas, açúcar e sódio, e pobres em nutrientes e fibras essenciais, bem como em alimentos ‘ultraprocessados’ – com alta densidade energética e baixo teor de micronutrientes. Muitas vezes, faltam a essas dietas grãos integrais, frutas, nozes e sementes, vegetais e ácidos graxos ômega-3.

Existe uma preocupação crescente com o impacto dessa alimentação na saúde humana. Grande parte do foco está no aumento do sobrepeso e obesidade, mas a alimentação moderna também está envolvida na desnutrição. No Nepal, um estudo recente sugeriu que crianças menores de 2 anos têm, em média, um quarto da ingestão de energia proveniente de itens como biscoitos, macarrão instantâneo e sucos, o que está diminuindo a ingestão de vitaminas e minerais essenciais. As crianças que comem mais desse tipo de lanches e bebidas estavam mais baixas que seus pares.



Para que os sistemas alimentares funcionem melhor para as crianças, precisamos entender as necessidades nutricionais específicas delas em todas as fases da vida

Maior foco nos sistemas alimentares

Os impactos na saúde não são a única preocupação causada pela alimentação moderna. Em um mundo que enfrenta múltiplas crises ambientais, também há uma preocupação com sua sustentabilidade. A produção de alimentos é responsável por quase um terço das emissões de gases de efeito estufa e 70% do uso de água doce – e os modos atuais de produção de alimentos são a principal causa de mudança ambiental.

Choques relacionados ao clima, como inundações, já estão desafiando a capacidade de algumas comunidades de se alimentar e estão expondo as crianças a um risco aumentado de doenças transmitidas pela água. Se as tendências atuais continuarem, o impacto da produção de alimentos no meio ambiente só aumentará, com a demanda por alimentos crescendo pelo menos 50% até meados do século. Essa demanda terá que ser atendida no cenário de um mundo que, após décadas de declínio, está vendo um lento aumento da fome, com 820 milhões de pessoas sofrendo de desnutrição em 2018.

Em resposta a esses desafios, e nesta Década de Ação das Nações Unidas sobre Nutrição, há um foco crescente sobre o papel dos **sistemas alimentares** – todos os elementos e atividades envolvidas na produção, processamento, distribuição, preparação e consumo de alimentos, bem como sobre os resultados dessas atividades, incluindo nutrição e saúde. Em outras palavras, tudo e todos os envolvidos em levar comida ‘da fazenda para a boca’.

Os sistemas alimentares estão se tornando mais complexos. Agora, mais alimentos atravessam fronteiras e a produção está concentrada nas mãos de um número relativamente pequeno de empresas – apenas 100 grandes empresas respondem por 77% das vendas de alimentos processados em todo o mundo. Para famílias em todo o mundo, o mercado está desempenhando um papel crescente no fornecimento de alimentos, impactando, por meio do marketing, na definição do que elas querem comer e de suas aspirações.

Compreender como os sistemas alimentares funcionam é essencial para melhorar nossa alimentação. Com frequência, os interesses de um grupo muito importante de pessoas – as crianças – são deixados de fora da análise dos sistemas alimentares. Essa é uma omissão perigosa. Dietas de baixa qualidade nutricional têm impactos ao longo da vida no crescimento físico e no desenvolvimento do cérebro das crianças. É por isso que elas devem estar no centro do nosso pensamento sobre sistemas alimentares. **Se os sistemas alimentares servirem às crianças, eles estarão servindo a todos nós.**

Fazer os sistemas alimentares funcionarem para as crianças

Há trinta anos, a Convenção sobre os Direitos da Criança falou da necessidade de fornecer às crianças “alimentos adequado e saudáveis” para combater doenças e má nutrição. Esse objetivo não mudou. O que mudou foram os contextos em que isso precisa acontecer e a percepção de que os sistemas alimentares são uma parte essencial – e subestimada – do quebra-cabeça.

Para fazer com que os sistemas alimentares funcionem melhor para as crianças, precisamos entender as necessidades nutricionais únicas delas em todas as fases da vida, principalmente nos primeiros 1.000 dias – mas também no dia 1.001 e depois, durante os anos escolares, quando a criança bem nutrida pode se concentrar melhor e aprender mais na sala de aula, e durante os anos vitais da adolescência, quando o desenvolvimento físico e mental acelera novamente e os hábitos alimentares são estabelecidos.

Para que os sistemas alimentares funcionem melhor para as crianças, precisamos entender os contextos em rápida evolução que estão moldando e remodelando as dietas das crianças. As mudanças climáticas, a urbanização e a globalização estão alterando profundamente como e o que as crianças comem, bem como os valores sociais e culturais que atribuímos à comida.

Para que os sistemas alimentares funcionem melhor para as crianças, precisamos responder aos desafios que famílias, crianças e adolescentes enfrentam em todo o mundo – os altos custos de alimentos saudáveis, as pressões de tempo que as famílias estão enfrentando, a disponibilidade limitada de frutas frescas e vegetais em muitas comunidades, e a pressão que muitas famílias sentem do marketing e da publicidade.

Para que os sistemas alimentares funcionem melhor para as crianças, precisamos lidar com o escândalo do trabalho infantil na agricultura e na produção de alimentos. Em 2016, 108 milhões de crianças entre 5 e 17 anos estavam envolvidas em trabalho agrícola, representando 71% de todo o trabalho infantil.

E para que os sistemas alimentares funcionem melhor para as crianças, precisamos garantir que eles trabalhem com todas as outras políticas que afetam a vida das crianças. As políticas de saúde, água e saneamento, educação e proteção social devem trabalhar juntas para fornecer às

crianças e suas famílias o conhecimento, o apoio e os serviços necessários para garantir que alimentação adequada e saudável se traduza em melhor crescimento e desenvolvimento.

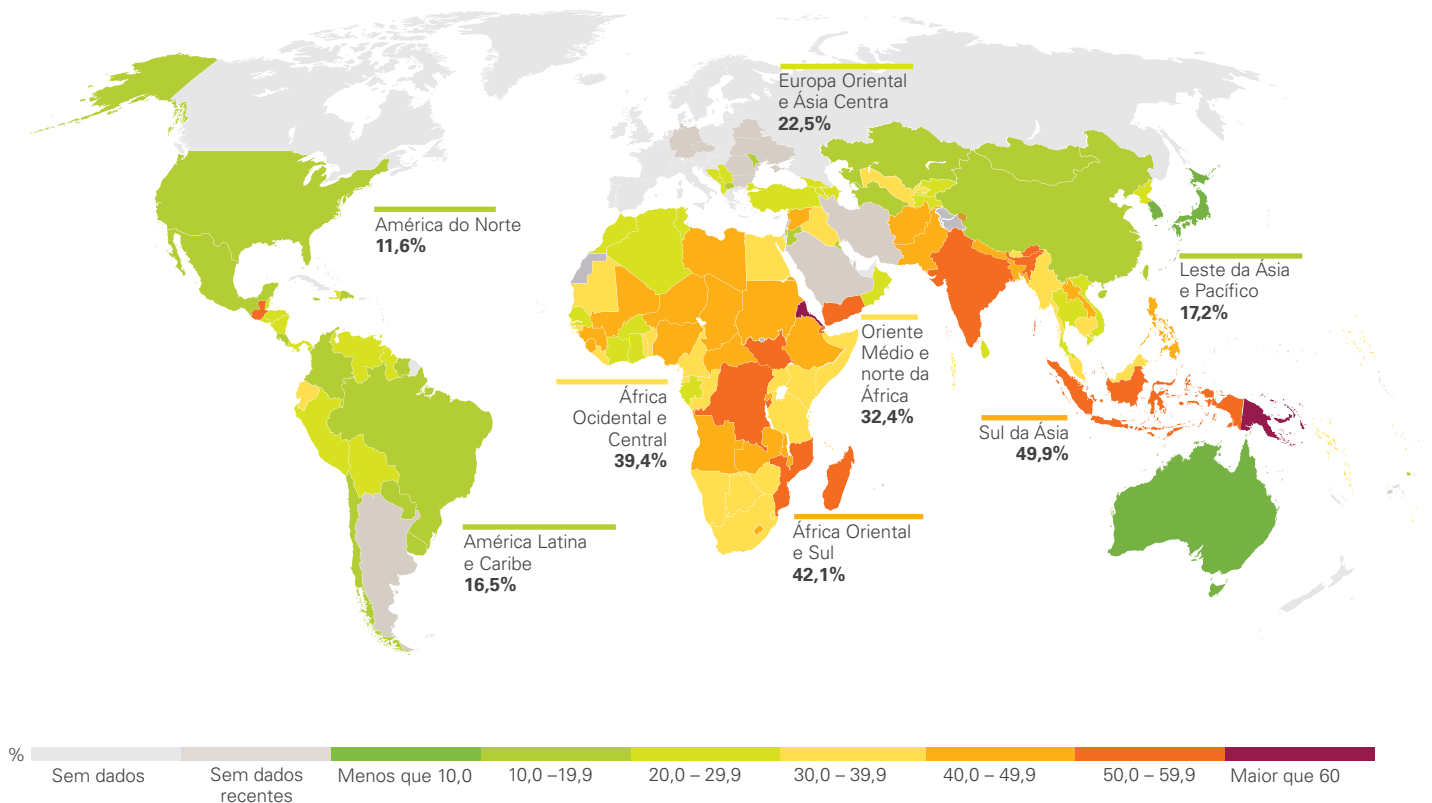
Quando os sistemas alimentares funcionam melhor para as crianças, todos nos beneficiamos. Uma boa nutrição pode quebrar os ciclos viciosos intergerações por meio dos quais a desnutrição perpetua a pobreza, e a pobreza perpetua a desnutrição. Crianças bem nutridas têm uma base sólida a partir da qual podem desenvolver todo o seu potencial. Quando as crianças fazem isso, as sociedades e as economias também se desenvolvem melhor. Não é por acaso que 12 dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) contêm indicadores cruciais para a nutrição.

Nosso objetivo deve ser oferecer às crianças **dietas nutritivas, seguras, acessíveis e sustentáveis.**

O relatório termina com uma agenda de cinco etapas para colocar os direitos nutricionais das crianças em primeiro lugar. Isso começa com a necessidade, por um lado, de capacitar famílias, crianças e adolescentes a exigir alimentos nutritivos e, por outro, incentivar os fornecedores de alimentos a fazer o que é certo para as crianças, tornando os alimentos saudáveis mais disponíveis, acessíveis e seguros. As crianças e os adolescentes também precisam de ambientes alimentares saudáveis, que os protejam do marketing explorador e capacitem famílias e cuidadores a tomar as melhores decisões. Além dessas ações no sistema alimentar, outras quatro áreas-chave – saúde, água e saneamento, educação e proteção social – devem ser mobilizadas para prestar serviços de nutrição e obter resultados nutricionais em escala. Finalmente, há uma necessidade urgente de coletar dados e evidências de alta qualidade regularmente para orientar as ações e acompanhar o progresso no sentido de melhorar a nutrição das crianças no século 21.

Onde as crianças não estão crescendo saudáveis?

Prevalência de crianças abaixo de 5 anos que não estão crescendo saudáveis (Déficit de crescimento, baixo peso ou sobrepeso), 2018



1 a cada 3 crianças abaixo de 5 anos no mundo não está crescendo saudável



Nota: As designações empregadas nesta publicação e a apresentação do material não implicam por parte do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) a expressão de qualquer opinião sobre o status legal de qualquer país ou território, ou de suas autoridades ou as delimitações de suas fronteiras.

*'Crescer bem' é definido como estar livre de déficit de crescimento, de baixo peso e de sobrepeso

Fonte: Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), Organização Mundial da Saúde, Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento / Banco Mundial. *Levels and trends in child malnutrition: key findings of the 2019 edition of the Joint Child Malnutrition Estimates.* (Níveis e tendências da desnutrição infantil: principais conclusões da edição de 2019 das Estimativas Conjuntas de Desnutrição Infantil.)

O que as crianças pequenas estão comendo?

A importância dos primeiros alimentos

Porcentagem de crianças entre 6 e 23 meses alimentadas, por grupos de alimentos, 2018*



59% das crianças de 6 a 23 meses no mundo não estão sendo alimentadas com os nutrientes necessários de origem animal.



44% das crianças de 6 a 23 meses no mundo não recebem frutas ou hortaliças na alimentação.

Quando as crianças começam a comer alimentos macios, semissólidos ou sólidos aos 6 meses de idade, elas precisam de dietas nutritivas e seguras com uma variedade de nutrientes para um bom crescimento.



Na falta de uma diversidade suficiente na alimentação das crianças, elas podem não receber nutrientes suficientes para crescer saudáveis, o que pode causar um impacto devastador no corpo e no cérebro dessas crianças. **O UNICEF e a OMS recomendam que as crianças nessa idade comam, no mínimo cinco, dos oito grupos de alimentos.**

Porcentagem de crianças entre 6 e 23 meses que comem pelo menos 5 dos 8 grupos de alimentos (Diversidade Alimentar Mínima), por região do UNICEF, 2018**



Menos de **1 em cada 3 crianças** consome alimentos do número mínimo de grupos alimentares

%



Global



Sul da Ásia



África Oriental e Sul



África Ocidental e Central



Oriente Médio e Norte da África



Leste da Ásia e Pacífico



América Latina e Caribe

Porcentagem de crianças entre 6 e 23 meses que comem pelo menos 5 dos 8 grupos de alimentos por quintil de riqueza e local de residência, global 2018**



Apenas **1 em cada 5 crianças** dos lares mais pobres e das áreas rurais consome alimentos do número mínimo de grupos alimentares

%



Mais pobres



Mais ricos



Rural



Urbana

* Análise baseada em um subconjunto de 71 países com dados disponíveis entre 2013-2018 cobrindo 61% da população mundial.

** Estimativas regionais e globais baseadas nos dados mais recentes para cada país entre 2013-2018.

*** Análise baseada em um subconjunto de 74 países com dados desagregados disponíveis entre 2013-2018.



O que os adolescentes pensam sobre alimentação saudável?

Mais de 450 adolescentes de 18 países participaram das oficinas para o relatório Situação Mundial da Infância 2019 para conversar sobre o que comem e por quê. As oficinas foram realizadas juntamente com eventos semelhantes para as mães. Aqui, apresentamos uma análise inicial do que os participantes de 12 países disseram a respeito dos obstáculos para uma alimentação saudável e como eles tentam melhorar sua alimentação. Uma análise completa será publicada em 2020. As respostas foram traduzidas e editadas para maior clareza, quando necessário.

Os adolescentes sabem quais alimentos são saudáveis?

No geral, os adolescentes que participaram das oficinas relataram fazer escolhas alimentares mais saudáveis do que não saudáveis. Depois de descrever o que comeram durante um período de 24 horas, eles foram convidados a avaliar se os itens eram saudáveis ou não. Suas avaliações foram precisas para cerca de metade dos itens, mas imprecisas para cerca de um quinto. Com relação a pouco menos de um terço dos itens, eles não conseguiram dizer se a escolha era saudável ou não. No geral, os adolescentes parecem ter um entendimento limitado das qualidades nutricionais de mais da metade dos alimentos que costumam encontrar.

O que evita que os adolescentes se alimentem de modo saudável?

Os adolescentes disseram que enfrentavam obstáculos significativos para a alimentação saudável.

O preço e o sabor estavam no topo da lista:

“Não temos dinheiro para nos mantermos saudáveis... Nossa família não consegue encontrar bons empregos.”
Menina, 16 anos, Índia

“Alguns alimentos são caros demais para comprar.”
Menino, 16 anos, Zimbábue

Muitos percebem alimentos saudáveis como mais caros:

“Comida barata não é saudável e comida saudável não é barata.” *Menina, 13 anos, China*

O sabor foi outro obstáculo:

“Eu gosto muito de *junk food*” *Menina, 14 anos, Guatemala*

“Comida saudável não é deliciosa” *Menina, 13 anos, Quirguistão*

O sabor foi um fator particularmente relevante para os participantes urbanos. Alguns sugeriram que suas preferências alimentares foram afetadas pela disponibilidade imediata de ‘junk food’:

“Não conseguimos comer alimentos saudáveis porque já provamos *junk food* e agora somos atraídos apenas por isso.” *Menino, 14 anos, Índia*

Muitos adolescentes relataram que alimentos saudáveis não eram vendidos perto de suas casas:

“Não há carne disponível. Nós temos dinheiro para comprar carne, mas o mercado é longe demais.”
Menina, 14 anos, Gana

“Comida não saudável é mais fácil de encontrar”
Menino, 17 anos, EUA

Acesso e preço foram questões importantes para alguns. No Sudão, os adolescentes de um campo de refugiados tinham quase três vezes mais chances de identificar o custo como uma barreira para uma alimentação saudável. A falta de acesso a alimentos saudáveis também foi uma barreira fundamental.

Os participantes da oficina apontaram o papel de pais e cuidadores em determinar o que eles comem. Eles também destacaram as restrições de tempo para eles e seus pais:

“Minha escolha de comida não é feita por mim. Meus pais decidem o que vamos comer.” *Menina, 15 anos, Gana*

“Às vezes, não há tempo para cozinhar, então como *fast food*.” *Menina, 15 anos, Guatemala*

“As mães não têm tempo.” *Menino, 14 anos, México*

Como os adolescentes tentam melhorar sua alimentação?

Adolescentes de todos os países pesquisados relataram tomar medidas pessoais para comer melhor. Muitos disseram que valorizavam comer bem e estabeleceram objetivos pessoais:

“Lembro-me de priorizar minha saúde por pelo menos uma refeição por dia.” *Menina, 18 anos, EUA*

“Tento fazer um plano melhor do que farei durante o dia para evitar esses tipos de alimentos [não saudáveis].”
Menina, 15 anos, Sérvia

Sumário

Um grande número de adolescentes valoriza a alimentação saudável e faz alguns esforços para melhorar a própria alimentação.

No entanto, muitos enfrentam obstáculos significativos, principalmente com os custos e o acesso a alimentos saudáveis.



Que desafios de alimentação uma mãe enfrenta?

Mais de 320 mulheres em 18 países participaram das oficinas para o relatório Situação Mundial da Infância 2019, falando sobre como elas alimentam seus bebês e a si mesmas. As oficinas, organizadas pelos escritórios do UNICEF nos países, comitês nacionais e a Western Sydney University (WSU), foram realizadas juntamente com eventos semelhantes para adolescentes. Apresentamos aqui uma análise inicial do que os participantes de 12 países disseram sobre práticas de alimentação infantil e as barreiras que enfrentam para alimentar bem seus filhos e a si mesmos. Uma análise completa será publicada em 2020. As respostas foram traduzidas e editadas para maior clareza, quando necessário.

Quais são as práticas das mães para a alimentação infantil?

A Organização Mundial da Saúde recomenda que os bebês sejam exclusivamente amamentados durante os primeiros 6 meses de vida e que depois sejam introduzidos os primeiros alimentos (ou complementares), que substituem gradualmente o leite materno entre os 6 e os 23 meses de idade. Os resultados da oficina sugerem que, em muitos casos, as práticas alimentares não são ideais. Quase todas as mulheres amamentaram desde o nascimento ou nos primeiros 10 dias após o nascimento. No entanto, cerca de duas em cada cinco mães introduziram substitutos do leite materno quando seu bebê tinha 8 semanas, e a maioria estava combinando leite materno e substitutos (e, muitas vezes, outros líquidos) antes de o bebê atingir os 6 meses de idade. A maioria das mães introduziu os primeiros alimentos aos 6 meses de idade, mas um quinto começou antes dos 5 meses. Alguns esperaram até que o bebê tivesse entre 7 e 9 meses.

Que obstáculos as mães enfrentam para alimentar bem seus bebês?

Surpreendentemente, a principal barreira para alimentar saudavelmente os bebês era financeira:

“Não posso nem dar alimentos não saudáveis ao meu bebê, pois não tenho dinheiro.” 20 anos, Zimbábue

“Dinheiro. Não consigo comprar comida para alimentar a criança.” 25 anos, Índia

“Não há dinheiro em casa.” 24 anos, Gana

As mães muitas vezes ecoavam a percepção de uma participante de uma oficina de 38 anos nos Estados Unidos, que disse: “Comida saudável é cara”.

“Na Austrália, muitas coisas são caras, como peixe, legumes e carne. Deveria ser barato para que qualquer pessoa pudesse comprar.” 29 anos, Austrália

“Às vezes, alguns alimentos são caros.” 22 anos, México

Acesso e disponibilidade também são obstáculos:

“Às vezes, comida saudável não está disponível.” 28 anos, Egito

“É difícil conseguir um veículo para ir comprar comida.” 30 anos, Gana

“É difícil conseguir frutas e legumes, melão, melancia, pepino e cenoura.” 22 anos, Guatemala

As mães relataram dificuldades quando os bebês não gostavam de certos alimentos, ou estavam ‘exigentes’ ou doentes.

“Meu bebê não gosta de comida saudável.” 24 anos, Egito

“As crianças não querem comer alimentos saudáveis, nos incomodam, começam a chorar.” 25 anos, Índia

“[Acho difícil encontrar] comida que meu filho deseja; meu filho não aceita um tipo específico de alimento.” 29 anos, Sudão

“Meu filho não gosta de mamar no peito.” 29 anos, China

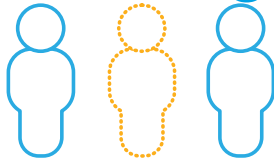
“Quando o bebê não está se sentindo bem, quando os dentes estão nascendo, isso dificulta a alimentação.” 20 anos, Gana

Sumário

O custo é de longe o maior obstáculo à alimentação saudável para as mães, seguido pela falta de disponibilidade e acesso a alimentos saudáveis. Muitas mães descreveram uma série de outros desafios, incluindo a antipatia dos bebês a certos alimentos e a pressão familiar.

Uma agenda para colocar a nutrição das crianças em primeiro lugar

1 em cada 3 crianças não está crescendo saudável



Para todas as crianças crescerem saudáveis



1 Capacitar famílias, crianças e adolescentes para exigir alimentos adequados e saudáveis

Incentivar os fornecedores de alimentos a fazerem o que é certo pelas crianças

2

4 Mobilizar sistemas de apoio para melhorar a alimentação e a nutrição de todas as crianças

Construir ambientes alimentares saudáveis para todas as crianças

3

5 Coletar, analisar e usar dados e evidências de boa qualidade regularmente para orientar as ações e acompanhar o progresso delas

Essa agenda é guiada por dois imperativos. Primeiro: as crianças têm necessidades nutricionais específicas e podem sofrer danos específicos por causa da má nutrição. Colocar as necessidades delas em primeiro lugar é essencial para garantir que toda criança tenha a nutrição necessária para obter o melhor começo de vida possível. Segundo: toda criança e todo adolescente precisarão de dietas nutritivas, acessíveis e sustentáveis para que as sociedades enfrentem os desafios econômicos, sociais e ambientais do século 21.

1 | Capacitar famílias, crianças e adolescentes para exigir alimentos adequados e saudáveis

A demanda afeta a oferta, na medida em que os produtores de alimentos respondem aos comportamentos e aspirações dos consumidores. Quando opções saudáveis são acessíveis, convenientes e desejáveis, pais e cuidadores fazem melhores escolhas alimentares para as crianças. À medida que as crianças crescem, o conhecimento e a informação podem torná-las poderosas agentes de mudança. Estimular a demanda por alimentos nutritivos significa não apenas educar os consumidores sobre os benefícios de dietas saudáveis, mas também alavancar aspirações culturais e sociais.



2 | Incentivar os fornecedores de alimentos a fazer o que é certo para as crianças

A demanda por si só não é suficiente: alimentos saudáveis também devem estar disponíveis, acessíveis e seguros. Os produtores e fornecedores de alimentos têm um papel fundamental a desempenhar, assim como os governos, que devem criar condições equitativas para todos os produtores e fornecedores – garantindo que suas ações estejam alinhadas com os melhores interesses das crianças. Os sistemas alimentares são diversos, assim como as soluções. Mas toda a produção e consumo de alimentos deve se tornar sustentável se quisermos proteger a nutrição das crianças hoje e amanhã.



3 | Construir ambientes alimentares saudáveis para todas as crianças

Os ambientes alimentares individuais e comunitários são onde as crianças e seus cuidadores interagem com o sistema alimentar. Enquanto as forças de oferta e demanda moldam os ambientes alimentares, ações apropriadas ao contexto – como rotulagem obrigatória na frente da embalagem e proteção contra marketing exploratório – podem ajudar a criar ambientes propícios a dietas nutritivas para crianças.



4 | Mobilizar sistemas de apoio para melhorar a alimentação e a nutrição de todas as crianças

Além dos sistemas alimentares, outros quatro sistemas-chave devem ser mobilizados para fornecer serviços de nutrição, melhorar as práticas de nutrição e obter resultados nutricionais em escala. Os sistemas de saúde, água e saneamento, educação e proteção social devem atuar de maneira coordenada. Uma abordagem sistêmica da nutrição infantil pode ajudar a garantir que famílias tenham acesso a dietas saudáveis e que as crianças recebam os serviços de nutrição necessários para desenvolver todo o seu potencial.



5 | Coletar, analisar e usar dados e evidências de boa qualidade regularmente para orientar as ações e acompanhar o progresso

A falta de dados adequados impede que os governos respondam com políticas, estratégias e programas eficazes. Dados precisos e oportunos são necessários para entender a desnutrição, executar ações coordenadas e baseadas em evidências e responsabilizar todos os atores. Os métodos e a frequência da coleta de dados devem ser transformados para expandir o que sabemos sobre as dietas e a nutrição de crianças, adolescentes e mulheres em todas as fases da vida. Os sistemas de dados devem se tornar responsivos e deve ser desenvolvida uma cultura de compartilhamento e transparência de informações.



Pela primeira vez em 20 anos, o relatório *Situação Mundial da Infância 2019*, do UNICEF, examina a alimentação e a nutrição das crianças, fornecendo uma nova perspectiva sobre um desafio em rápida evolução. Apesar do progresso das últimas duas décadas, um terço das crianças com menos de 5 anos estão mal nutridas – com déficit de crescimento, baixo peso ou com sobrepeso – enquanto dois terços correm risco de desnutrição e fome oculta devido à má qualidade da sua alimentação. Esses padrões refletem uma carga tripla de má nutrição – subnutrição, fome oculta e sobrepeso – que ameaça a sobrevivência, o crescimento e o desenvolvimento das crianças e das nações. No centro desse desafio está um sistema alimentar que falha em fornecer às crianças a alimentação necessária para que elas cresçam saudáveis. Este relatório fornece novos dados e análises de má nutrição no século 21 e esboça recomendações para colocar os direitos das crianças no centro dos sistemas alimentares.



ISBN: 978-92-806-4999-4



Copyright Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF)
Outubro de 2019

PARA CADA CRIANÇA, NUTRIÇÃO